

NARRATIVAS EM SAÚDE: HISTÓRIA(S) PELO LÉXICO, TEXTOS E DISCURSOS

Maria José Bocorny Finatto (UFRGS)

mariafinatto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6022-8408>

Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (UFS)

smda@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0003-4658-004X>

Alicia Duhá Lose (UFBA)

alicialose@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9114-3298>

Luciana Boose Pinheiro (UFCSPA)

lucianaboose@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2375-9963>

A história da saúde e da doença não é escrita apenas em tratados médicos ou em relatórios epidemiológicos. Ela está inscrita, de forma igualmente vital e reveladora, nas múltiplas linguagens através das quais as sociedades, em diferentes épocas, nomearam o corpo, descreveram o sofrimento e as buscas por curas, registraram epidemias, debateram tratamentos e construíram saberes sobre o que é estar saudável ou doente. Esta percepção fundamental norteia o dossiê “Narrativas em Saúde: história(s) pelo léxico, textos e discursos”, apresentado neste número da nossa revista *Organon*.

Ao pretender reunir perspectivas de linguistas, filólogos, historiadores, cientistas da informação, teóricos da literatura e pesquisadores da saúde, este projeto editorial partiu do pressuposto interdisciplinar de que as narrativas, em sua mais ampla acepção, constituem um terreno privilegiado para investigar os conhecimentos biomédicos e dos saberes práticos sobre o cuidado. Seja na precisão técnica de um compêndio farmacêutico do século XVIII, na descrição angustiada de uma doença em um diário íntimo do século XIX, ou na representação literária de uma enfermidade em romances, os textos conservam, em seu léxico e em suas estruturas discursivas, os rastros de epistemologias, de desconhecimentos, de debates científicos e de práticas culturais que moldaram o enfrentamento de doenças e a construção de

sentidos de saúde ao longo do tempo. Tal perspectiva nos permite construir um mapeamento dos pontos de tensão entre saberes eruditos e populares, entre conhecimento institucionalizado e práticas empíricas. Narrativas não ficcionais, como relatos de viagens de médicos, registros de hospitais, prontuários, bulas farmacêuticas, legislações sanitárias e artigos de jornais, oferecem um *corpus* imenso para a compreensão das realidades materiais e das concepções vigentes em dado período. Paralelamente, as narrativas literárias e memorialísticas, longe de serem apenas meros reflexos passivos da realidade, ativamente espelham, interrogam, simbolizam e dão forma cultural às experiências coletivas e individuais de adoecimento, como ilustraram as análises clássicas de Susan Sontag (1984 [1978]) sobre as metáforas da AIDS e do câncer.

Essa centralidade das narrativas também dialoga com os desenvolvimentos contemporâneos da Medicina Narrativa (Charon, 2006) e das Humanidades Médicas (Cole; Carlin; Carson, 2015), que evidenciam como a experiência do adoecimento é, ela própria, estruturada narrativamente, e como a escuta e a interpretação das histórias de pacientes ampliam a compreensão clínica e ética dos processos de cuidar. Essas perspectivas reforçam que o conhecimento sobre a doença não se limita ao dado biológico ou ao resultado laboratorial, mas integra experiências subjetivas, memórias, afetos e contextos sociais, os quais se expressam linguisticamente.

A relevância de recuperar esse constituinte léxico-terminológico e discursivo tem ganhado crescente reconhecimento em campos que vão da História da Saúde e das Doenças à Linguística de *Corpus* e ao Processamento da Linguagem Natural (Quaresma *et al.* 2025), incluindo a recuperação de conteúdos e de conceituações com técnicas de Inteligência Artificial e de Grandes Modelos de Linguagem (os LLMs). Nesse sentido, quando textos e narrativas passam a ser "automaticamente mineradas" em busca de dados epidemiológicos diversos, Rosenberg e Golden (1992) nos fazem lembrar que as doenças não são apenas fatos biológicos, mas entidades culturalmente construídas. Dessa forma, é necessário entendermos que os conceitos que circulam na macroárea da saúde não emergem de forma abstrata, mas são forjados e negociados em comunidades de práticas discursivas específicas. A palavra, portanto, não é um mero veículo transparente de um conceito pré-existente: ela é constitutiva do próprio pensamento médico. Assim, investigar a história do léxico da saúde significa traçar a história das ideias e das práticas que lhes conferiram sentido em contextos determinados.

Nesse cenário esforços em torno das palavras, a Filologia participa com seus métodos rigorosos de crítica textual e edição de fontes; as Ciências do Léxico, em perspectiva sócio-

histórica, contribui suas análises diacrônicas da formação, variação, mudança e sistematização/registro lexicográfico/terminográfico dos vocabulários (Marengo; Pinto, 2023; Marengo, 2016). Ambas tornam-se aliadas indispensáveis da Epidemiologia Histórica e da História dos Conceitos, conforme teorizado por Koselleck (2004).

Este número da *Organon* reconhece e pretende fomentar esse diálogo metodológico frutífero e necessário. O estudo de narrativas em saúde nos permite verificar fases distintas de letramento científico, identificar a circulação e transformação de vocábulos e teorias, além de mapear os pontos de tensão entre saberes eruditos e populares. Narrativas não ficcionais, como relatos de viagens de médicos, registros de hospitais, bulas, legislações sanitárias e artigos de jornais, oferecem um *corpus* imenso para a compreensão das realidades materiais e das concepções vigentes em dado período. Paralelamente, as narrativas literárias e memorialísticas e até mesmo os anúncios comerciais sobre medicamentos e remédios, longe de serem meros reflexos passivos, ativamente espelham, interrogam e dão forma cultural às experiências coletivas de adoecimento. Essa conformação via linguagem é ilustrada nas análises de Sontag (1978) sobre as metáforas da tuberculose e do câncer, ou os estudos sobre a representação da sífilis ou da AIDS na literatura. A ficção pode, assim, tornar visíveis dimensões subjetivas e sociais da doença que os discursos técnicos muitas vezes silenciam, funcionando como um repositório de saberes narrativos para o enfrentamento de epidemias e sofrimentos.

O processamento computacional de grandes *corpora* históricos abre, atualmente, horizontes metodológicos sem precedentes para essa investigação. Técnicas de lexicometria, estilometria, extração e análise de terminologias em cronologias longas, e a desambiguação semântica de sentidos históricos de palavras permitem aos pesquisadores identificar padrões, tendências e rupturas no discurso sobre a saúde em escalas antes impossíveis. A construção de ontologias e tesouros históricos, a anotação morfossintática de *corpora* e a análise de entidades nomeadas (pessoas, lugares, doenças, remédios) são recursos que transformam arquivos digitais em laboratórios para a história das línguas, das ideias e também das práticas médicas. Essas abordagens, validadas por pesquisas em Humanidades Digitais (Jockers, 2013; Moretti, 2013; Finatto, 2025), oferecem insumos precisos para a configuração de uma história social do léxico médico, servindo como fontes primárias reinterpretadas para a História da Saúde Pública e das Doenças.

É neste cenário de convergência entre as Ciências da Linguagem, as Humanidades Digitais e as Ciências da Saúde que este dossiê se insere. Nosso principal objetivo é fomentar um espaço acadêmico que evidencie como o estudo e entendimento das palavras, dos textos e

dos discursos são ferramentas indispensáveis para iluminar os caminhos, por vezes tortuosos, através dos quais a humanidade tem buscado compreender e gerir a saúde, a doença e a vida. Nesse horizonte, vale lembrar que, como assinala Foucault (1963), os saberes médicos e sanitários não se desenvolvem em um vazio neutro, mas são produzidos em contextos discursivos e institucionais marcados por relações de poder, regimes de verdade e formas específicas de olhar, nomear e governar corpos e populações. Ao trazer à tona as camadas de significado depositadas na linguagem ao longo do tempo, estes estudos reforçam a importância crítica de um olhar reflexivo sobre as próprias terminologias e designações que usamos no presente para descrever nossas crises sanitárias e nossos corpos, demonstrando que as Ciências do Léxico são fundamentais para a saúde, não apenas porque recuperam memórias históricas, mas também porque permitem interrogar os dispositivos discursivos que moldam nossas práticas contemporâneas de cuidado, diagnóstico, classificação e intervenção.

Os quatro textos reunidos configuram um conjunto articulado para compreender como a saúde, a doença e suas narrativas foram historicamente constituídas por meio de discursos, léxicos, práticas institucionais e regimes de poder. A ordem proposta acompanha um percurso que se inicia com uma reflexão ampla sobre a loucura e suas significações ao longo da história, avança para uma abordagem mais metodológica e lexical das unidades de saúde em documentos antigos, passa pela análise de uma lei decisiva para a institucionalização do ensino médico e culmina na leitura crítica de um dos mais influentes instrumentos de divulgação do saber médico no século XIX. Trata-se, portanto, de um itinerário que permite ao leitor compreender como palavras, textos e instituições moldam a experiência social da saúde.

O primeiro artigo, “Narrativas sobre a loucura: as formações discursivas na trilha da história”, percorre diferentes modos de narrar a loucura desde a Antiguidade até a contemporaneidade, observando-a como um constructo simbólico e discursivo que nunca foi estável ou homogêneo. O texto demonstra que a loucura, longe de ser um fenômeno puramente biológico ou apenas clínico, foi historicamente representada, regulada, explicada e administrada de modos diversos, sempre atravessados pelas condições culturais, sociais, científicas e ideológicas de cada época. Ao explorar diferentes formações discursivas, o artigo evidencia como essas narrativas não apenas refletem, mas também produzem e legitimam posições de poder, formas de exclusão, estratégias de cuidado, práticas institucionais e modos de constituição dos sujeitos. Desse modo, mostra que compreender a loucura implica compreender a própria história da humanidade, suas formas de saber, seus mecanismos de controle e suas sensibilidades coletivas.

Na sequência, o segundo texto, “As unidades lexicais da saúde: explorando diferentes corpora antigos”, aprofunda a análise sobre a linguagem da saúde a partir de uma perspectiva metodológica voltada ao estudo de *corpora* históricos. O artigo apresenta um projeto de pesquisa dedicado a catalogar, analisar e interpretar termos relacionados à saúde em textos brasileiros e portugueses produzidos entre os séculos XVII e XIX, abrangendo documentos de naturezas variadas: descrições de municípios, cartas pessoais, textos administrativos, relatos de práticas de cura, entre outros. Partindo da constatação de que doenças, tratamentos e cuidados são constantemente nomeados na escrita de diferentes esferas sociais, o trabalho demonstra como o léxico de saúde não é uniforme nem neutro, mas carrega marcas de contextos culturais, níveis de letramento, intenções comunicativas e diferentes graus de especialização. Destacam-se fenômenos como a variação terminológica, a substituição de determinadas palavras por outras, a oscilação entre termos técnicos e expressões mais populares e a forma como o vocabulário de saúde ajuda a revelar mentalidades e valores de cada período histórico. Trata-se de uma reflexão essencial para consolidar uma metodologia que integra Filologia, Terminologia e Linguística Histórica na compreensão do campo da saúde.

A partir desse enquadramento lexical e metodológico, toma particular relevância o terceiro artigo, “‘Como os médicos se hão de fazer bachareis formados’: edição e um breve glossário de uma lei de 1566”. Este estudo analisa um documento jurídico português do século XVI que regulamenta a formação médica na Universidade de Coimbra, estabelecendo critérios, tempos de estudo, exigências acadêmicas e formas de licenciamento para a prática da medicina. O texto oferece uma edição semidiplomática do documento e, ao mesmo tempo, constrói um glossário que evidencia o valor histórico e linguístico do vocabulário registrado. A análise mostra que essa lei não é apenas uma norma administrativa, mas também testemunho de uma profunda transformação institucional e cultural: a centralização do ensino médico, o fortalecimento do controle estatal sobre a prática da medicina, a definição do médico enquanto profissional legitimado e autorizado e a consolidação da medicina como campo científico regulado. O texto demonstra que, nesse contexto, o léxico jurídico e administrativo também participa ativamente da construção de uma ordem social da saúde, inscrevendo nos textos oficiais um projeto político de organização, padronização e vigilância sobre quem poderia curar e como poderia fazê-lo.

Por fim, o quarto trabalho, “Dicionário de Medicina Popular (1890): o discurso médico da obra através de uma lente enunciativa”, oferece uma leitura rigorosa e crítica de uma das obras mais influentes do século XIX no campo da saúde, examinando seu funcionamento

discursivo e enunciativo. Partindo do entendimento de que os dicionários de medicina popular ocupam uma posição estratégica entre ciência, poder e pedagogia social, o artigo mostra como esse gênero discursivo atua como instrumento de legitimação do saber médico, difundindo-o entre a população ao mesmo tempo em que o reveste de autoridade incontestável. O estudo analisa como o dicionário organiza seus verbetes, estabelece estruturas de explicação (causas, sintomas, tratamentos, prognósticos) e cria efeitos de verdade capazes de produzir confiança, docilidade e adesão por parte dos leitores. O texto discute também as tensões entre o saber médico acadêmico e outros saberes populares, além de explorar a dimensão política de um projeto editorial que buscava “educar” a população em saúde, ao mesmo tempo em que reforçava hierarquias de conhecimento e consolidava a medicina como discurso de poder. Assim, evidencia-se como, nesse contexto, não são apenas os conteúdos médicos que importam, mas sobretudo as formas de dizer, de definir e de instituir o que é considerado legítimo, científico e verdadeiro.

Tomados em conjunto, esses quatro artigos oferecem uma contribuição expressiva ao dossiê organizado. Eles demonstram, por diferentes ângulos e objetos, que a história da saúde não pode ser compreendida apenas pela via clínica ou biomédica: ela é, profundamente, história de palavras, de textos, de instituições, de discursos, de emoções, de práticas culturais e uma história de pessoas. Ao articular história, linguagem, poder e saúde, esses trabalhos reafirmam a centralidade das Humanidades na compreensão crítica da experiência humana com a doença e com o cuidado, oferecendo ao dossiê um eixo sólido para pensar a saúde como fenômeno discursivo, histórico e social.

REFERÊNCIAS

CHARON, Rita. *Narrative Medicine: Honoring the Stories of Illness*. New York: Oxford University Press, 2006.

COLE, Thomas R.; CARLIN, Nathan S.; CARSON, Ronald A. *Medical Humanities: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

FINATTO, Maria José B. (org.) *Discursos médicos no século XVIII [livro eletrônico] : genealogia de saberes e conhecimentos através da linguagem*. Campinas, SP : Editora da Abralin, 2025. -- (Altos estudos em linguística ; 1). Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2025/11/Discursos-medicos.pdf>

FOUCAULT, Michel. *Naissance de la clinique: une archéologie du regard médical*. Paris: PUF, 1963.

JOCKERS, Matthew L. *Macroanalysis: Digital Methods and Literary History*. Urbana: University of Illinois Press, 2013.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves; PINTO, Deise Cristina de Moraes. A consolidação da Fênix: fotografias atuais da Filologia e da Linguística Histórica no Brasil. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 7–14, jan./abr. 2023. DOI: 10.31513/linguistica.2023.v19n1a62941.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. *Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MORETTI, Franco. *Distant Reading*. London: Verso, 2013.

QUARESMA, Paulo; FINATTO, Maria José B.; VIEIRA, Renata; TROJAHN, Cássia. Extração automática de informação de manuais de medicina do século XVIII: um estudo de caso com dados brutos. In: FINATTO, Maria José B. *Discursos médicos no século XVIII [livro eletrônico] : genealogia de saberes e conhecimentos através da linguagem*. Campinas, SP : Editora da Abralin, 2025. -- (Altos estudos em linguística ; 1), p. 131-147. Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2025/11/Discursos-medicos.pdf>

ROSENBERG, Charles E.; GOLDEN, Janet (Eds.). *Framing Disease: Studies in Cultural History*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

SONTAG, Susan. *A Doença como Metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1984 [1978].

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.152620>